

**O EFEITO DAS RELAÇÕES SOCIAIS EM “O  
ESPELHO” E “UMA VISITA DE ALCEBÍADES” DE  
MACHADO DE ASSIS**

**THE EFFECT OF SOCIAL RELATIONS IN “O  
ESPELHO” AND “UMA VISTA DE ALCEBÍADES”  
BY MACHADO DE ASSIS**

SOPHIA ASSIS RODRIGUES<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).  
E-mail: [sophiassis.r@hotmail.com](mailto:sophiassis.r@hotmail.com) ; Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-2113-6569>

## **O EFEITO DAS RELAÇÕES SOCIAIS EM “O ESPELHO” E “UMA VISITA DE ALCEBÍADES” DE MACHADO DE ASSIS**

### **RESUMO**

Machado de Assis representou em suas narrativas as figuras que compoñham a sociedade brasileira escravagista oitocentista. Por meio de críticas veladas e gingados de capoeira, assim descrito por Luiz Costa Lima (2002), foi capaz de traçar as injustiças e problemáticas de sua época. Ademais, foi um escritor com um olhar assíduo para as relações sociais que permeavam essa sua sociedade contemporânea, sendo possível englobar em seus personagens os efeitos da aparência desejada e da essência perdida. Os contos “O Espelho” e “Uma visita de Alcebiades”, escolhidos para compor a análise do presente artigo, permitem analisar e discutir sobre o apagamento do ser e a busca da visibilidade dentro dessa sociedade burguesa. Para tal, utiliza-se, sobretudo, os estudos de Bosi (2007), Lima (2002), Muricy (1988) e Santiago (2016).

**Palavras-chave:** Machado de Assis. Relações sociais. Contos.

## THE EFFECT OF SOCIAL RELATIONS IN “O ESPELHO” AND “UMA VISTA DE ALCEBIÁDES” BY MACHADO DE ASSIS

### ABSTRACT

In his narratives, Machado de Assis represented the figures that made up nineteenth-century Brazilian slave society. Through veiled criticism and capoeira moves, as described by Luiz Costa Lima (2002), he was able to trace the injustices and problems of his time. In addition, he was a writer with an assiduous eye for the social relations that permeated his contemporary society, making it possible to encompass in his characters the effects of the desired appearance and the lost essence. The short stories “The Mirror” and “A Visit from Alcebiades”, chosen for the analysis in this article, allow us to analyze and discuss the erasure of the self and the search for visibility within this bourgeois society. To this end, we use, above all, the studies of Bosi (2007), Lima (2002), Muricy (1988) and Santiago (2016).

**Keywords:** Machado de Assis. Social relations. Short stories.

## INTRODUÇÃO

Segundo Nadia Battela Gotlib (2004), Machado de Assis em seus escritos descreve os comportamentos de modo sádico e benevolente, porém, nunca ingênuo (p.42). Através de seus enredos com personagens principais e secundários bem construídos, Machado de Assis criticou assiduamente a sociedade oitocentista escravagista brasileira. Segundo Gotlib (2004), os “não ditos” (p.42) dentro das narrativas desencadeiam ambiguidades, “em que vários sentidos dialogam entre si. Portanto, nos seus contos, paralelamente ao que *acontece*, há sempre o que *parece estar acontecendo*” (GOTLIB, 2004, p.42), ou seja, por meio de situações camufladas por outras, Machado observava não de tão longe, como as figuras dessa sociedade se portava.

Nessa perspectiva, Alfredo Bosi (2007), afirma como o escritor observava o seu meio debruçava o seu olhar julgador a esse ambiente.

Valores culturais e estios de pensar configuram a visão do mundo do romancista, e esta pode ora coincidir com a ideologia dominante no seu meio, ora afastar-se dela e julgá-la. *Objeto do olhar e modo de ver* são fenômenos de qualidade diversa; é o segundo que dá forma e sentido ao primeiro (BOSI, 2007, p.12).

Sendo Assim, Machado de Assis, escritor cético de seu tempo, elaborou escritos capazes de analisar as correntes que permeavam a sua sociedade contemporânea e os valores que estavam sendo impostos nesse meio. Uma dessas críticas, foi acerca da sobrevivência dentro dessa sociedade corrompida por valores europeus, que a todo custo oprimia e estipulava esses valores de modo inadequado. Assim, de acordo com estudioso Roberto Schwarz (2014) em seu trabalho, a forma como a adoção e reprodução de ideias europeias pelo Brasil se dava de forma contraditória, “sempre em sentido impróprio” (p.62). Ademais acrescenta como isso tornou-se matéria para a literatura, como veremos nas análises, a maneira com que Machado de Assis se apropriou dessa situação para descrevê-la e criticá-la.

Nesse sentido, Schwarz (2014) se empenha em demonstrar a maneira com que esse empréstimo europeu estava sendo feito. Referindo-se à Nestor Goulart Reis Filho, Schwarz (2014) apresenta as ideias em que o Rio de Janeiro passava como uma fachada, uma vez que o que tentava ser implantando não condizia com a realidade da sociedade. O estudioso aborda como exemplo dessa disparidade, a construção das casas seguindo modelos europeus que eram levantadas pelas mãos dos escravizados, realçando a grande diferença do progressismo liberal europeu com o atraso da sociedade brasileira ainda em meio a escravidão. Ademais, acrescenta como exemplo como até mesmo a Corte quis se

padronizar europeia modificando os seus comportamentos, assim segundo o teórico, “A distância é tão clara que tem graça a substituição de um arremedo por outro. Mas é também dramática, pois assinala quanto era alheia a linguagem na qual se expressava o nosso desejo de autenticidade (p.58)”

Nesse panorama, encontra-se os apontamentos de Kátia Muricy (1988) ao se tratar dos valores importados da França. Em análise às contradições, Muricy (1988) cita como exemplo do comportamento adotado, as ideias médicas. Assim como a figura do médico francês, esse, passa a ter um vínculo com o interior das casas, ditando algumas regras à sociedade como fazer passeios em dias ensolarados como sinal de boa saúde. Ademais, segundo Muricy (1988), um olhar higienista seria depositado à família burguesa que agora se preocuparia com a adequação das vestimentas assim como compatível com a profissão, idade, entre outros fatores. Dessa maneira segundo a estudiosa, essa higienização da sociedade servia também para aumentar o descompasso entre os valores emprestados, assim como mencionado por Schwarz (2014), uma vez que apenas os abastados seriam capazes de se adequarem a eles, marginalizando e excluindo ainda mais os que não estavam dentro da sociedade burguesa oitocentista.

Desse modo, assim como Schwarz (2014) acentua que essas questões relativas às diferenças entre as sociedades e a maneira com que a brasileira implementaria esses ideais descompassados, servindo de matéria prima para escritores e sobretudo para Machado de Assis aqui destacado. Dito isso, Bosi (2007), menciona, “Machado encontrou-os aos pedaços ou inteiros, no seu convívio com homens e mulher que se agarravam como podiam, com unhas e dentes, à própria sobrevivência social” (BOSI, 2007, p.17).

Nessa esteira, Machado de Assis nos convida a percebermos a maneira com que a sociedade brasileira oitocentista se comportava frente aos valores tomados emprestados, entretanto estando dentro de uma sociedade escravagista e que não seguia, em sua maioria, os valores liberais de liberdade e igualdade. Dado isso, o presente artigo, por meio da análise dos contos “O Espelho” e “Uma vista de Alcebiades” visa analisar o apagamento da subjetividade do indivíduo dentro dessa sociedade de estamentos que estava sempre desempenhando um papel de domínio.

Através das potenciais leituras dos contos, busca-se analisar o modo com que Machado de Assis englobou essa temática, averiguando as atitudes de seus personagens e o ambiente em que se encontram. Em “O Espelho”, pretende-se averiguar a maneira com que a vontade de ascensão e adequação à sociedade burguesa era vista, sobretudo, pelos jovens da época. Sendo assim, por meio dos comportamentos de Jacobina, pretende-se destacar os efeitos causados por esse desejo. Dito isso,

em “A visita de Alcebiades” visa-se discutir, através da situação que envolve o ateniense, a maneira com que a sociedade burguesa brasileira se comportava em meio a essa tentativa de europeização, nesse caso, destacando-se o da adequação das vestimentas. Por meio dos contos, objetiva-se compreender a maneira com que Machado de Assis, com sua escrita perspicaz apresentava a seus leitores as críticas à essa sua sociedade contemporânea.

## **MACHADO DE ASSIS, OBSERVADOR DE SEU TEMPO**

De acordo com o crítico Silviano Santiago (2016), Machado de Assis foi um “comentarista sensível ao incansável instinto de resistência do povo à autoridade no poder” (SANTIAGO, 2016, p. 184). O engajamento que Machado de Assis desempenhou acerca das questões de sua sociedade contemporânea, demonstram como o escritor era preocupado com o que permeava as relações dessa sociedade. Diante as narrativas machadianas, se encontram variados meios de denúncia, chamados pelo estudioso Luiz Costa Lima, de capoeira.

A capoeira de Machado de Assis se desenvolve ao passo que o escritor, comprometido a denunciar as malesas de sua sociedade, incluía minuciosamente em suas histórias, críticas aos padrões propostos pelo social, assim como a valorização exacerbada e incontroversa dos valores europeus e ao tratamento dado aos escravizados e homens livres pobres. Lima (2002), em seu artigo nomeado “Machado: Mestre de Capoeira”, discorre acerca das artimanhas do escritor. Segundo o estudioso, para anunciar o que pretendia, “Machado precisava de um malabarismo de mestre de capoeira” (LIMA, 2002, p.330), que consistia por meio de sua escrita, mascarar as críticas. Ainda segundo Lima (2002), o autor estaria “criticando a bagunça de nossa vida social” (LIMA, 2002, p.338), uma vez que Machado era observador dessa sociedade tanto como escritor cético e irônico, tanto quanto pelos cargos que desempenhou perto ao governo, o que o fez se aproximar ainda mais da realidade da sociedade escravocrata oitocentista.

Machado de Assis é considerado por Santiago (2016), como um escritor progressista, uma vez que através de sua ironia e ceticismo, compunha sua narrativa com as mais afiadas pontadas. Nesse panorama, Lima (2002) vai desenvolver sobre um alfinete e uma negaça que estariam na companhia do escritor, ou seja, Machado compunha seus enredos com o ato de “desviar do tema que anunciara” (LIMA, 2002, p.330), e a partir desse esconderijo, “sob uma suposta desconversa, espeta uma pontada” (LIMA, 2002, p.331). Acerca disso, Lima (2002), vai observar sobre “estilo lapidar de Machado, *cool*, irônico e contido, o primeiro motor do engano” (LIMA, 2002, p.328).

Doravante, o seu trabalho na imprensa, em revista e jornais como O Futuro, Gazeta, Jornal das Famílias, dentre outros, colaborou para o desenvolvimento de sua estratégia linguística uma vez que os leitores desses jornais e revistas, em sua maioria, eram compostos dos próprios burgueses a quem Machado criticara. Segundo Jean-Michel Massa (2009), estudioso que traça o histórico de Machado de Assis nos periódicos em que fez parte, discute sobre, mesmo tendo seus textos atestados pela moral da sociedade, Machado saía ileso devido a sua majestosa técnica, “Machado de Assis não experimentou particular dificuldade em pautar-se pelas regras do jogo, porque, em boa parte, esta era a moral que ele aceitava” (MASSA, 2009, p. 459). Desse modo, ainda segundo Massa (2009), Machado era “corajoso, ativo, engajado, idealista” (MASSA, 2009, p.269), o que reforça a dedicação depositada pelo escritor em ressaltar o que havia de controverso e errado em seu meio, resultando em narrativas capazes de simbolizar além de sua sociedade contemporânea, fatores da nossa sociedade atual.

Adotando uma perspectiva cética e irônica diante dessa realidade que o rodeava, Machado de Assis não ignorou os problemas vistos, segundo Massa (2009):

Sendo o hábito uma segunda natureza, continuou a escrever e exprimir a sua desilusão em lugar de sua esperança. Logo esse traumatismo funcionou mesmo como matriz de um desenvolvimento, de uma diversificação de sua produção e de sua atividade de escritor. Em 1863, Machado de Assis se tornou um homem e escritor mais enriquecido e equilibrado. (MASSA, 2009, p. 323).

Desse modo, analisando o contexto em que Machado de Assis estava inserido, encontra-se a estudiosa Katia Muricy (1988), discorrendo sobre o panorama em que a sociedade oitocentista se encontrava, a qual deliberava padrões de pertencimento que dificultava o novo convívio social, uma vez que não eram todas as pessoas que tinham chance de pertencer a todos os lugares. Esse jogo social desencadeou uma vontade de fazer parte desse meio surgindo de muitos lados, o qual acarreta o começo do desejo pela ascensão social. Ainda de acordo com a estudiosa, “para as elites brasileiras, enobrecer-se era um imperativo. Questão de poderio político e econômico, a introdução na aristocracia abria-lhes a máquina dos privilégios do Estado” (MURICY, 1988, p.53).

A europeização da vida social impunha-se às elites brasileiras como condição para a manutenção do seu prestígio. Uma nova sociabilidade – a das festas particulares, a dos salões do império - será dada à família brasileira, alterando-lhe profundamente a identidade, determinando-lhe um novo modelo de organização. (MURICY, 1988, p.53).

Nessa esteira, se contrapondo a esses princípios, Machado de Assis, ainda segundo Muricy (1988), denuncia segmentos da sociedade uma vez que cria personagens dentro desse convívio que decompõe o ideal e a moral da família patriarcal, como celibatários, libertinas e mundanas. Sendo

assim, “Machado de Assis não se compromete, no entanto, com a concepção nova e burguesa da família de que tais instancias ditam as normas” (MURICY, 1988, p.19).

Dado isso, Machado de Assis, através de sua crítica irônica, abordava de modo cético, segundo Muricy (1988, p.19), noções de progresso e ideais acerca da ciência e verdades tecidos pela burguesia. Nesse panorama, discorre a estudiosa:

Esse assunto reaparece, constante significativamente ironizado ao longo de sua obra ficcional e, além de sua consistência própria, tece a metáfora de uma sociedade que procura a sua identidade nos traços modernos das sociedades industriais desenvolvidas da Europa, esse espelho onde não cessa de se mirar e se perder. Esse desequilíbrio especular reflete os descaminhos da racionalidade burguesa e nos conduz, e sua literatura, à fragmentação inexorável do indivíduo por ela constituído, na experiência de habitante da grande cidade, do Rio de Janeiro recém-urbanizado do século XIX. (MURICY, 1988, p.19)

Nesse mesmo sentido, discorre Roberto Schwarz (2014) em “Ideias fora do lugar”, cujo nome já nos implica a pensar nessas ideias colocadas em meios que não as cabem. Segundo o estudioso, Machado de Assis critica essa sociedade que tenta encaixar ideias europeias em seu convívio, assim como nas vestimentas e na arquitetura das casas, “Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe ideias europeias, sempre em sentido impróprio (SCHWARZ, 2014, p.62). Dado isso, é possível segundo o crítico, analisar as diferenças gritantes entre as sociedades, dando pano para a ironia de Machado, uma vez que a sociedade liberal europeia não se assemelha com a sociedade escravagista brasileira. Nesse sentido, sendo capaz de enxergar as contradições que ocorriam, Machado foi capaz de criar em suas narrativas personagens que passam por situações semelhantes, que sofrem com o jogo social burguês e que ao tentar fazer parte dele, perde o seu essencial e assim como perde os seus valores próprios. Assim como mencionado por Schwarz (2014), esses valores eram tomados emprestados da Europa, mas usados erroneamente. Assim, Costa Lima (2002) afirma que “Machado reflete sagaz e cruelmente sobre a política e sobre as matrizes do “pensamento evoluído” (p. 333). Ademais, segundo Alfredo Bosi (2007), “Machado observa e encena a mascarada vida em sociedade; apenas fantasiou e universalizou, a seu modo, o quanto pôde, o seu caráter injusto, arbitrário ou aparentemente aleatório” (BOSI, 2007, p.40)

Doravante, frente a essa sociedade, Machado além de refletir sobre o que ocorria, fomenta críticas capazes de analisar as figuras desse panorama, fazendo inclusive, que possamos admitir muitas situações de nossa sociedade que infelizmente ainda é reflexo desse social da época do escritor. Nesse sentido, acerca dessa escritura machadiana, Lima (2002) aborda:



Dentro da aparente leviandade, o ceticismo machadiano se permitia acenos à mais pura impiedade e recorria à velha história da criação do mundo para constatar que os desacertos são imemoriais. Sim, por ele e por nosso continente as coisas andam bastante bagunçadas. Os encouraçados afundam, enquanto dirigentes de outros vizinhos se orgulham de sua potência bélica, as assembleias custam a se reunir, ao passo que os curiosos correm para testemunhar as desgraças alheias. (LIMA, 2002, p. 338).

## O APAGAMENTO DO HOMEM PELO ALFERES

Analista da sociedade que o rodeava, Machado de Assis foi capaz de suscitar muitas críticas acerca dessa. Uma dessas críticas englobadas em sua escrita é a vontade de pertencimento a essa burguesia, o desejo ao social visível e os meios com que se debruçavam para que conquistasse tal coisa. Segundo Bosi (2007) “O objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano” (BOSI, 2007, p.11). Ainda segundo o estudioso “A burguesia oitocentista, grande e pequena, europeia e brasileira, reificou tudo quanto lhe parecesse signo de *status*” (BOSI, 2007, p.50).

Desse modo, encontra-se o conto “O espelho” (1882), pertencente à coletânea “Papéis Avulsos”, cuja uma das temáticas será o ser deformado para se adequar aos padrões impostos. No conto, conta-se a história de Jacobina, jovem que acaba de conquistar a patente de alferes. Perante a sociedade em que se encontrava, a obtenção de títulos era uma das maneiras para ascender-se socialmente, segundo o estudioso e historiador Raymundo Faoro (2001), essa distribuição de titulações, “Era o delírio da nobreza, sombra e imagem da ambição nobiliárquica, doença que teria contaminado o nosso Império, tão pródigo de títulos, extravagantes de sua liberdade” (FAORO, 2001, p.42).

Logo ao início, torna-se importante dar atenção ao subtítulo do conto, “Esboço de Uma Nova Teoria da Alma Humana”. A partir desse ponto, compreende-se que Machado abordará questões relativas ao sujeito e essa sua alma, que são, na verdade duas: uma exterior e uma interior. Dado isso, o conto inicia-se como uma lembrança de Jacobina contada aos amigos numa noite. Jacobina nesse momento é descrito como um homem polido que era “astuto e cáustico” (ASSIS, 2006, p.143) e “não discutia nunca” (ASSIS, 2006, p.143).

A certo momento, Jacobina é questionado sobre as almas humanas e explica a um dos cavalheiros o fato de existir duas, “uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro (ASSIS, 2006, p.144). Segundo o personagem:

A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a lama exterior de uma

pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja (ASSIS, 2006, p.144).

Sendo assim, é nesse momento em que Machado coloca a suas opiniões acerca do que o social faz com o sujeito, uma vez que essa alma exterior é materialista, assim como a sociedade. Uma vez que o homem que gostaria de pertencer a esse social, depositasse tamanha importância em sua alma exterior, ele se modifica se adequando a esse social que valorizava posses e posições.

Centrando-se no conto, Jacobina inicia a contagem das memórias, “Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da guarda nacional” (ASSIS, 2006, p.145). Essa afirmação por parte do personagem, relembra como a titulação era um meio de ascensão social aos que não eram de famílias abastadas, segundo Faoro (2001), “Era um acontecimento, a patente da Guarda Nacional que dava lustre às famílias e prestígio ao agraciado” (FAORO, 2001, p.48). Desse modo, assim como o personagem, muitos outros rapazes tentaram a vaga, reforçando o desejo dos demais em também ter o tipo de cargo “o posto tinha muitos candidatos e que estes perderam” (ASSIS, 2006, p.145).

Nesse diapasão, fortalecendo o desejo pela ascensão e prestígio, Jacobina conta aos amigos que ao conseguir o cargo, “Chamava-me o seu alferes” (ASSIS, 2006, p.145). Conta também que, alguns rapazes que não obtiveram a oportunidade, o observava com ciúmes “passaram a olhar –e de revés, durante algum tempo” (ASSIS, 2006, p.145). Adiante no conto, caminha-se para a análise da perda da subjetividade pelo personagem. Uma tia que morava distante, chamada Marcolina, o fez acompanhar-la até sua fazenda. Ela o tratava também como “meu alferes”, reafirmando assim, a alma de Jacobina que começava a se titubear. Ademais, havia o cunhado da tia que aumentando ainda mais a importância do título do rapaz, o chamava “senhor Alferes” (p.146). Além do tratamento privilegiado e de muitos elogios “Achava-me um rapagão bonito” (ASSIS, 2006, p.146), ele foi presenteado pela tia por um espelho com arabescos em ouro que se destoava do restante da casa. Nesse ponto da história, o personagem toma consciência que estava sofrendo modificações em seu interior, e assume que “essas cousas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram de mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou” (ASSIS, 2006, p.146). Assim, chega-se à frase mais emblemática da narrativa “O alferes eliminou o homem” (ASSIS, 2006, p.147), frase essa que desloca a crítica machadiana para outro patamar, para o da análise do comportamento subjetivo humano. Assim, conforme Faoro (2001), “No jogo das forças sociais, o

concurso das circunstâncias exteriores tem inegável peso, mas o que decide é a fibra do homem, rompendo caminhos à custa de sua ambição” (FAORO, 2001, p.18). Entretanto Jacobina não conseguiu se manter de pé perante esse jogo, por elogios e um espelho, adquiriu forças à sua alma exterior, deixando com que a interior se perdesse, ou como o mesmo personagem admite, seja eliminada. Assim, conforme Nádia Batela Gotlib (2004), “os contos de Machado traduzem perspicazes compreensões da natureza humana” (p.42).

Nesse sentido, Raymundo Faoro (2001), explana sobre o círculo fechado que a elite tinha para manter-se no domínio (p.19), desempenhando assim, muitas relações entre as pessoas de modo hierárquico. Isso é observado e faz com que as atitudes de Jacobina tenham certa justificativa, uma vez que, por não ser abastado socialmente e conquistar um cargo que lhe deu prestígio e visibilidade dentro desse social que até então o excluía, ele se deixou levar pelos padrões de onde ele agora, pertencia, “Hierárquicas são as relações entre as pessoas e as categorias, hierarquia muitas vezes sutil se insinua na etiqueta e nas cortesias” (p.23). Ainda segundo Faoro (2001), as atitudes de Jacobina ao deixar seu ser anulado, torna-se por partes, plausível,

Imagine-se o efeito do posto num tenente-coronel, que além da honraria, somava as atribuições da patente, poderes de recrutar, cobrar prestações, convocar as instituições e manter a ordem. Manter a ordem significa assegurar as instituições, tais como entendidas pelos potentados locais. (FAORO, 2001, p.49).

Dessa forma, o personagem agora passava-se a ser totalmente o alferes, já não sobrava resquício de Joãozinho e nem de Jacobina. O personagem reflete entendendo que antes sua alma exterior se referia às coisas simples de sua vida, como a natureza e moças bonitas, mas que agora, passou-se a ser totalmente dependente de seu *status* de alferes.

Passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me faav do posto, nada do que me falava do homem, a única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se o ar e no passado (ASSIS, 2006, p.147)

O personagem relata o fato de sentir certas prisões e limites em seu ser, “Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil” (ASSIS, 2006, p.147). Assim, tendo o homem sendo apagado pela patente, há ainda outro meio de reforçar a alma externa de Jacobina, sendo esses, os elogios vindos dos escravizados, que segundo o personagem “compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida” (ASSIS, 2006, p.147).

Nhô alferes de minuto a minuto. Nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser general; nhô alferes há de se casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que

me deixou extático. Ah, perversos! Mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados. (ASSIS, 2006, p.148).

As figuras dos escravizados no conto, desempenham papel muito importante, tanto na posição de submissão reforçada pela também posição de Jacobina e do que ele sentia ao ter essas figuras o chamando de alferes, quanto para demonstrar o quê Machado denunciava acerca da escravidão. A certo ponto do conto, esses escravizados fogem, deixando o alferes sozinho na fazenda e o único pensamento que o ocorre é a perda que tia Marcolina ia ter, colocando essas pessoas como meras mercadorias naquele momento, “Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina” (ASSIS, 2006, p.148).

Diante da fuga dos escravizados e da ausência da tia, que teve que viajar para cuidar da filha, o alferes se vê sem ter quem reforçasse o seu *status*, uma vez que o rapaz ainda se sentia superior aos escravizados o que lhe resguardava a posição de chefe e reforçava sua alma de alferes. Nessa perspectiva, o conto acentua os momentos em que se é notável o apagamento total do sujeito pelo cargo na Guarda Nacional, deixando veladamente as marcas da capoeira machadiana a qual criticará a partir da figura de Jacobina, tanto o sistema escravagista que desempenhava um papel que dava aos escravizados apenas a visibilidade de objeto ou de submissão, quanto aos que se sucumbem a fazer parte dessa sociedade burguesa e que para acompanhar o que se é imposto, perde o que é seu de fato, sua alma interior e sua essência.

A esse passo, Machado de Assis traz então o momento em que, não tendo quem o chame de alferes e não tendo quem o observava, Jacobina vê no sono, uma solução para amenizar os efeitos do apagamento de seu ser,

O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: - o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinham um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver (ASSIS, 2006, p.149).

Ao final do conto, acontece o fato em que Jacobina percebe como estava dominando. Ao se olhar no espelho exuberante que lhe foi dado, não enxergava direito, via apenas sua imagem turva. Sozinho, lhe faltava quem sustentava seu título, quem mantinha seu *status* de alferes e lhe faltava o elogio, segundo Alfredo Bosi, “A consciência de cada homem vem de fora, mas este “fora” é descontínuo e oscilante, porque descontínua e oscilante é a presença física dos outros, e descontínuo e oscilante o seu apoio” (BOSI, p.20). Desse modo então, o espelho foi uma solução escolhida pelo

personagem para que ele próprio tentasse manter essa postura, porém, se depara com sua subjetividade totalmente apagada, “Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra” (ASSIS, 200, p.150).

Nessa esteira, não tendo sua imagem, não teria mais sujeito, não seria mais o “senhor Alferes”. Agoniado com a situação, Jacobina tem então o pensamento de vestir a farda, simbolizando que aquela vestimenta o sustentaria, faria com que sua imagem apagada poderia ser novamente realçada, uma vez que sua posição seria confirmada. Conforme Bosi aponta, “Ter status é existir no mundo em estado sólido” (p.20).

Lembrei-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada: o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior (ASSIS, 2006, p.151).

Jacobina encontrou sua alma exterior novamente, porém perdeu por completo a sua alma interior, teve-se anulado pelos padrões burgueses oitocentistas que valorizava titulações e posições sociais acima de sua essência e verdade.

Daí diante fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com esse régimen pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir... (ASSIS, 2006, p.151).

Nesse panorama, analisando o trabalho de Machado de Assis na construção da narrativa, sobretudo do personagem, Alfredo Bosi (2007) aponta, “Em Machado, a percepção do social médio, leva em geral a nivelar por baixo o comportamento das suas criaturas” (p.48). Esse social referido por Bosi (2007) e retratado por Machado em suas obras, “trazia em si germes de violência que poderiam, no limite, levar à morte do indivíduo que não se conformasse integralmente com o seu padrão” (p.48).

## **A SEGUNDA MORTE DE ALCEBÍADES**

Nesse panorama, em um segundo momento, encontra-se o conto intitulado “Uma visita de Alcebiades” (1882), também presente na coletânea “Papéis Avulsos”. Aqui mais uma vez, traremos a anulação do sujeito por parte das imposições da sociedade.

Sendo assim, Alfredo Bosi (2007) em seus estudos sobre Machado de Assis, traz que “O olho crítico do escritor penetra o seu objeto e o transcende” (BOSI, 2007, p.48)

O ponto de vista do autor pode ser extremamente perspicaz nas operações de descrever e de narrar e, ao mesmo tempo, doutrinariamente pesado e abstrato na hora da interpretação totalizante do "mundo" em que se movem não só as suas criaturas, mas todos os homens (BOSI, p.30).

Desse modo, através das temáticas abordadas no conto, podemos encontrar o olhar irônico de nosso escritor acerca de uma outra imposição da sociedade burguesa do Rio de Janeiro, a adequação da aparência. O conto se inicia mostrando ser uma carta ao chefe de polícia da corte. A carta datada de 20 de novembro de 1875 traz em seu conteúdo uma história curiosa, a qual o remetente conta ter sido visitado pelo espírito de um ateniense. O autor da carta refletia sobre a história romana, seus personagens e lugares importantes, quando pensou em refletir sobre a figura de Alcebiades e questionar “Que impressão daria ao ilustre ateniense o nosso vestuário moderno? (ASSIS, 2006, p.153). Nesse sentido, segundo Muricy (1988), as classes da sociedade do Império-República não se diferenciaram pelas vestimentas, mas pela “adequação do vestir-se a uma racionalidade” (MURICY, 1988, p.63). Ainda conforme a estudiosa:

Essa adequação em suas exigências, será uma distinção social: o vestuário higiênico, racional, passa a ser marca de classe.

O uso da roupa, na circunstância certa, a atenção dada a um vestir-se racional são elementos de uma sociabilidade moderna, assim como a postura elegante, o pudor em relação a nudez (MURICY, 1988, p.63).

Centrando-se no conto, o personagem então, considerando-se espiritista, tenta evocar o espírito do ateniense, o que se concretiza, “era o próprio Alcebiades, carne e osso, vero homem, grego autêntico, trajado à antiga, cheio daquela gentileza e desgarre com o que usava arengar às grandes assembleias de Atenas” (ASSIS, 2006, p.153). A certo ponto, o homem acha estar delirando, até que Alcebiades fala e pergunta o que ele queria.

Ao ouvir isto, arrepiaram-se – me as carnes. O vulto falava e falava grego, o mais puro ático. Era ele, não havia de duvidar que era ele mesmo, um morto de vinte séculos, restituído à vida, tão cabalmente coo se viesse de cortar agora mesmo a famosa causa do cão (ASSIS, 2006, p.153).

Tendo então a companhia do espírito ateniense, se dispôs a contá-lo tudo sobre Atenas, suas guerras, dominações e figuras conhecidas, “O grande homem tinha os olhos pendurados da minha boca; e, mostrando-me admirado de que os mortos não lhe houvessem contado nada” (ASSIS, 2006, p.154). Após longa conversa, o ateniense ainda queria mais notícias, porém o homem já havia se esgotado e, analisando a postura do espírito, começou a sentir determinado medo de que o que fizera faria com que ele fosse para a eternidade com Alcebiades quando o espírito voltasse ao seu plano, “Para um homem que acabou de digerir o jantar e aguardar a hora do Cassino, a morte é o último dos sacarmos. Se pudesse fugir... Animei-me: disse-lhe que ia a um baile” (ASSIS, 2006, p.155). Para

fugir do companheiro já que estava domado pelo medo de também morrer e virar um espírito, o homem tenta fugir dizendo que irá a um baile. Entretanto, Alcebiades se oferece para ir ao baile também, deixando o atônito, “Esquecia-me, - um devoto do grego! – esquecia-me que ele era também um refinado hipócrita, um ilustre dissimulado” (ASSIS, 2006, p.156). O homem então, tenta impedi-lo de ir, tenta convencer o espírito que suas roupas não são aceitas ali e que com aqueles trajes seria impossível a sua ida ao baile. Dessa forma, ao se referir a moda da época, Muricy (1988) explana que derivado de conceitos europeus, a moda se tornava um dos males do “mundanismo sem freio” (p.64).

Após um momento de discussão tentando convencer o visitante a não ir ao baile, o homem cede, porém, “não o admitiriam, com aquele traje; parecia doudo” (ASSIS, 2006, p.156). Dito isso, aproximando-nos do viés crítico que Machado desemboca em seus enredos, o adequar-se à época e aos padrões, fazia com que homens e mulheres deixassem de lado suas verdadeiras percepções para se adequar ao que estava sendo requisitado. Diante do conto, analisando a situação, Alcebiades diz que se vestirá “à moda do século” (ASSIS, 2006, p.157). Adiante, o personagem ao ver o outro se vestindo, tem uma postura sarcástica a fim de criticar a situação. Mais uma vez, a ironia de Machado se ascende, demonstrando por meio do personagem que se arruma nervoso e ansioso, o anseio para se estar convincente para o ambiente em que irá comparecer. Alcebiades, despreocupado até então, ao ver as calças explana “Canudos pretos! (ASSIS, 2006, p.157), demonstrando total desconhecimento da peça de roupa e consequentemente do jogo de aparências que estava prestes a frequentar, “Exclamou e riu, um risinho em que o espanto vinha mesclado de escárnio, o que ofendeu grandemente o meu melindre de homem moderno” (ASSIS, 2006, p.157). Tal desconforto do personagem, tendo ali os seus valores questionados, relembra os estudos de Muricy (1988) acerca dos novos hábitos por vezes conflitantes em que se estavam inserindo nessa sociedade (p.13).

Muricy (1988), vai reforçar em seus estudos que essa europeização dos costumes e valores da sociedade oitocentista brasileira, desenvolve um requerimento à manutenção desses, dando como exemplos festas e bailes nos salões, “A europeização da vida social impunha-se às elites brasileiras como condição para a manutenção do seu prestígio” (MURICY, 1988, p.53). Sabendo da valorização dada às festas, compreende-se a preocupação do personagem ao ter em sua companhia alguém que até então, não se encaixava.

Nesse sentido, Raymundo Faoro (2001), acerca das aparências valorizadas nessa sociedade, afirma que “A classe como categoria econômico, ocupa-se em se firmar, definir e qualificar de acordo com a ocupação específica de seus membros” (FAORO, 2001, p.18), demonstrando como havia

domínio e comando e conseqüentemente, quem eram afetados por esses. Estando então dentro desse jogo social Alcebiades observa o personagem se arrumando para o baile com roupas adequadas à época. Após rir das calças, o espírito observa o homem colocando uma gravata, e por não conhecer a peça, o ataca achando que ele estava se enforcando, “Agora quem se riu fui eu. Ri-me, e expliquei-lhe o uso da gravata e notei que era branca, não preta, posto usássemos também gravatas pretas” (ASSIS, 2006, p.158). Adiante, após colocar o colete, recebe um comentário vindo do espírito, “Por Afrodita” exclamou ele. És a cousa mais singular que jamais vi na vida e na morte. Estás toda cor da noite – uma noite com três estrelas apenas – continuou apontando para os botões do peito” (ASSIS, 2006, p.158), e então reflete, “O mundo deve andar imensamente melancólico, se escolheu para uso uma cor tão morta e tão triste. Nós éramos mais alegres, vivíamos...” (ASSIS, 2006, p.158).

Dessa forma, analisamos o que Bosi (2007) fala sobre a negação de valores dos comportamentos dos outros, “suportaria a vigência de um senso moral igualmente absoluto que tudo julgaria e tudo condenaria à luz de um ideal extra-humano cuja perfeição lhe vedaria até mesmo o atributo da existência neste mundo sublunar (BOSI, 2007, p.44). Através das atitudes de zombar, Alcebiades critica essa vestimenta da moda do seu companheiro, comparando-a com as suas que davam espaço para a subjetividade e criatividade. Ao final do conto então, após toda a adequação, faltava-lhe “O chapéu” (ASSIS, 2006, p.159), símbolo muito representativo dos homens de elite, fez com que fosse muito para Alcebiades, “Alcebiades olhou para mim, cambaleou e caiu. Corri ao ilustre ateniense, para levantá-lo, mas (com dor o digo), era tarde; estava morto, morto pela segunda vez” (ASSIS, 2006, p.159). Matar o personagem com o enredo de adequação aos padrões impostos pela sociedade burguesa configura a mais plena ironia machadiana. Escondida por detrás das vestimentas que o personagem principal veste e queria que o ateniense também vestisse, carrega à crítica da exclusão muito presente nas relações sociais que ditava regras assim, percebe-se que, “Machado pôde voltar livremente os olhos para as mais variadas formas de conduta” (BOSI, 2007, p.44). Sendo assim, não se configurando pessoa da sociedade em que estava no momento, o apagamento de Alcebiades ocorre por meio de uma segunda morte, uma vez que, não pertencendo àquele lugar adequadamente como mandava o *dress code* não haveria lugar para ele ali.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Repensando o convite feito por Machado de Assis em seus escritos, torna-se capaz acompanhar as críticas do escritor frente à sociedade burguesa brasileira. Desse modo, diante das análises



realizadas nesse artigo, ressalta-se como o escritor através dos contos escolhidos e demais escritos, foi capaz de analisar sua sociedade contemporânea destacando seus defeitos e utilizando-os como matéria prima.

A leitura e análise do conto “O Espelho”, através do personagem Jacobina e de sua tia Marcolina, consagram como personagens essenciais na escritura machadiana uma vez que, foram construídos para representar a parcela da população que, não sendo abastada, via nos cargos militares a oportunidade de visibilidade na sociedade. Tia Marcolina, peça importante do conto, demonstra como era importante a posição social na época, uma vez que tendo um sobrinho, parente bem próximo, na guarda nacional, a fazia um pouco mais visível também. Dito isso, ponto crucial do conto, as reflexões de Jacobina ocorrem para que nós, leitores de Machado, percebemos a crítica maior, sendo o destaque de um lado da vida anulando o outro lado, o subjetivo, o que seria o seu interior e sua alma interior que carrega todo o seu verdadeiro ser. Dessa forma, deixando uma possível reflexão que o lugar social não deve ser mais importante do que aquilo que se é de coração.

Nessa mesma esteira, o conto “Uma visita de Alcebiades” propôs pensarmos sobre como nos adequarmos ao social pode muitas vezes nos fazer ficar diferentes daquilo que somos a ponto de não nos reconhecer. Pela figura do ateniense e das críticas que ele faz às roupas do personagem, Machado destaca como enxergava a situação em que a sociedade estava se encaixando, um lugar de padronização e adequação de vestimentas e até mesmo de comportamentos de uma sociedade que não condizia com a realidade escravagista da brasileira. A segunda morte de Alcebiades demonstra assim, uma exclusão daqueles que não foram capazes de se adequar.

Doravante, os escritos de Machado de Assis são capazes de nos fazer pensar e repensar a história da sociedade brasileira, de maneira a enxergarmos os erros do passado e sermos determinados a nunca os repetir. A leitura Machadiana reforça como devemos analisar nossa postura frente à nossa sociedade contemporânea assim como o escritor fez frente à sua. Assim, como um Caramujo e através de sua capoeira muito bem dançada delatou o que via de errado e nos consagrou com textos transformadores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **Papéis Avulsos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006.

BOSI, Alfredo. **O enigma no olhar**. 4 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BOSI, Alfredo. **A máscara e a fenda**. Disponível: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5792372/mod\_resource/content/2/A%20m%C3%A1scara%20e%20a%20fenda%20-%20Alfredo%20Bosi.pdf> Acesso em: 19. Jan

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. In: Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio. – 4 ed. São Paulo, SP: Globo, 2001.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 2004.

LIMA, Luiz Costa. **Machado: Mestre de Capoeira**. In: Intervenções. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002

MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual**. 2 ed ver.- São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MURICY, Katia. **A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SANTIAGO, Silviano. **Machado: romance**. Editora Companhia das Letras, 2016.

SCHWARZ, Roberto. **As ideias fora do lugar: ensaios selecionados**. Editora Companhia das Letras, 2014.